

# Conhecimento e Aprendizado

“Alguém faz nascer uma idéia, um segundo assiste ao seu batismo, um terceiro faz filhos com ela, um quarto visita-a no seu leito de morte e um quinto enterra-a para sempre”. Georg Lichtenberg, escritor e pensador alemão do século XVIII, sabia do que estava falando. Suas observações sobre os mecanismos que regem a mente humana foram reduzidos a uma coletânea de aforismos, mas sua influência chegou até Freud, passando por Nietzsche. Milhares de outros, como ele, descobriram uma espécie de paixão secreta no conhecimento profundo e intuitivo do espírito do homem, pela via acessível da abordagem da própria mente.

Esse desbravamento, que é fonte de imensa energia, não pode ser identificado — e aqueles homens descobriram isso de algum modo — com o aprendizado comum que leva ao conhecimento de técnicas, processos, desenvolvimentos e sistemas. A construção de uma casa, a confecção de uma roupa, o preparo de uma refeição, exigem abordagens diversas de conhecimentos necessários, adquiridos progressivamente, com o uso adequado do espaço e do tempo, bem como o auxílio da acumulação. A memória é uma alavanca preciosa no cumprimento dessas tarefas essenciais, ajudada pelas habilidades que nascem com o homem e por ele são desenvolvidas em graus variáveis. A aquisição dessas técnicas — como o demonstra Daniel Defoe no *Robinson Crusoe* — é determinada pela necessidade, podendo desenvolver-se em qualquer etapa da vida, até mesmo em circunstâncias descritas como adversas, desde que haja um *drive* para isso. Esse estímulo pode ser um sentido de ordem interior que sobrevém quando se faz contato com aquela outra forma de conhecimento a que se aludiu antes, mas geralmente resulta de necessidade de certeza, de medo ou de tendência a acumular valores, materiais ou intelectuais.

Em que consiste aquele conhecimento que produz energia e não tem qualquer finalidade prática? Toda aproximação discursiva do assunto é inútil e cansativa. A melhor maneira de ver em que consiste essa “descoberta” é caminhar na sua direção de maneira negativa — vendo o que ela não é. Pelo conhecimento das idéias comuns, dos conceitos, das conclusões, pela familiarização com sua genealogia, chegaremos àquela

forma de percepção que se acumula, que não se condiciona nem se deixa aprisionar para fins práticos. A frase de Georg Lichtenberg pode ajudar alguma coisa nessa caminhada, porque através dela vemos um pouco da engrenagem do que pode ser designado como “mente ordinária” — o filtro através do qual pretendemos conhecer o mundo e a nós mesmos.

Uma idéia nasce como resultado de uma experiência. Pouco antes que se cristalice em memória, em conclusão, a experiência é um fato, alguma coisa que simplesmente acontece. É a partir de um julgamento que a experiência se fixa, sendo batizada como boa ou má, agradável ou desagradável. Com o *verdictum*, temos uma opinião firmada e passamos a agir em decorrência dessa opinião. Se a experiência é agradável, registramos essa conclusão e alimentamos a vontade de repetir o prazer proporcionado pelo fato. Se é desagradável, empreendemos um processo — mais ou menos sutil — de fuga ou de esquecimento. Essa é a gestação de uma idéia, tomada a palavra como feixe de conclusões e concepção a respeito de alguma coisa. A idéia é levada conosco, guardada na memória para utilização posterior, para fins de defesa e/ou de auto-afirmação. Essa experiência “capsular” é uma aberração, na medida em que transportamos um *ersatz* do real para usá-lo num momento novo e original — um agora qualquer — como uma espécie de arma. Toda inadequação produz sofrimento, pelas contradições que traz em seu corpo.

A seguir, como lembra Lichtenberg, assistimos ao batismo da idéia que criamos — ou que alguém mais criou, tanto faz. Pensamos através de palavras, num mundo em que todas as coisas têm nome e designação própria. O batismo consiste em identificar a experiência ou a idéia, com uma palavra ou expressão. Esse rótulo não teria importância se não funcionasse depois como um símbolo identificador, capaz de suscitar reações e emoções logo que ouvido ou lido. Assim como o grito “fogo!” pode provocar medo e pânico, os símbolos das idéias desencadeiam disposições, apetites, decisões — ou conduzem a outras idéias já experimentadas e devidamente arquivadas na memória. O material desse imenso arquivo — nisso consiste seu perigo — nunca é reexa-

minado. A simples sugestão para reavaliá-lo produz efeitos como irritação, apatia quase hipnótica, amnésia específica ou enfraquecimento da atenção. O batismo é uma forma de consagração, além de um modo de apropriação. Uma vez designada com um símbolo, estamos em condições de utilizar a idéia à nossa maneira.

Essa matriz produz herdeiros, na forma de adaptações de crenças, modelagens de convicções, fusão de certezas. Esses filhos são também batizados e colocados de maneira tal que possam ser usados pela mente que não sabe viver sem essas armas. Ideologias, dogmas, concepções gerais ou simplesmente milhões de pequenas escoras que sustentam nossa auto-imagem no cotidiano, formam um arsenal que usamos com naturalidade aparente, ao abrigo de toda verdade, inconscientes da armadura em que nos deixamos apertar. Em meio a essa torrente de artificialismo, *temos* mas não *somos*, parecemos vibrantes mas estamos mortos. As idéias e seus rebentos são substitutivos para a vida e para o mundo, povoando nossos sentidos de ilusões de movimento e cor, transmitindo a impressão de que continuamos no tempo, de que somos *alguém*.

Um outro homem – ou um outro momento do mesmo homem – visita a idéia em seu leito de morte, para continuar a analogia de Lichtenberg. Agora ele tornou-se crítico daquilo que já usou muito, e suas esperanças voltam-se para uma concepção que está germinando em algum canto escuro de sua mente. A idéia agonizando ainda é retirada do arsenal para ser brandida contra uma ou outra realidade que possa incomodar, mas não mais acalenta seu usuário, nem explica ou consola da morte, por exemplo. Um dia a idéia (e todas as suas teias), é enterrada sem mais considerações, enquanto uma outra maior – ou mil outras pequenas – reina triunfante. Esse processo inteiro, nascimento, vida e morte, é imperceptível aos nossos olhos porque esses mes-

mos olhos faz parte da montagem. Não podemos ter uma percepção direta e consciente dessa máquina em funcionamento, uma vez que nossa consciência é uma peça na engrenagem. Sair fora é impossível, como se sabe. De que modo, então, ver como funciona tudo isso?

Se conseguimos ver como somos prisioneiros, entendemos o que é a liberdade. Se percebemos o que significa uma idéia, e de que maneira ela substitui a objetividade, sabemos o que é viver sem idéias. Quando consideramos um absurdo viver sem idéias, podemos ver o grande desamparo em que ficamos sem elas, sem esse preenchimento a que nos acostumamos – não somente nós, individualmente, mas nós seres humanos, há dezenas de séculos. Parece que um abismo começa a se abrir aos nossos pés, diante da perspectiva de existir sem conceitos, julgamentos, conclusões, idéias feitas, preferências e aversões previamente conhecidas. A sensação de estranheza a respeito é relativamente comum, mas nós a afastamos depressa e logo nos acomodamos nos lençóis quentes do hábito, na rotina mental. Surgem as explicações, a racionalização a todo vapor, os rótulos tranquilizadores.

A compreensão profunda de alguma coisa pode ser feita “pelo avesso”, isto é, pelo percebimento do que não é essa coisa, pela fuga a ela, pelas falsificações de que é vítima. É vendo o nascimento e a morte de uma idéia que sabemos o que pode ser um certo vazio criativo que é constantemente escondido com as idéias, as palavras, as opiniões – e que não tem nome porque nunca foi batizado, nem pode ser usado para fins práticos. Essa abordagem negativa não é uma experiência que se pode materializar numa idéia, numa teoria, num conceito, embora possa ser difamada já à distância, acusada de mística, subjetiva e confusa. O que é um modo de designar para não conhecer, à maneira do aveztruz que mergulha a cabeça na areia para evitar o leão.

Luiz Carlos Lisboa

**THOT**  
**THOT**  
**A opção por**  
**uma revista**  
**cultural**



Para receber uma assinatura anual da revista cultural THOT (seis números), envie o cupom abaixo preenchido (em letra de forma), anexo a um cheque nominal, no valor de Cr\$ 720,00 para—:

Associação Palas Athena do Brasil  
Rua Leôncio de Carvalho, 99 – CEP: 04003 – Paraisópolis-SP

Nome \_\_\_\_\_

Rua \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ apt. \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_ Fone \_\_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

a partir do nº \_\_\_\_\_ (inclusive)

Assinatura \_\_\_\_\_